

NOTA SOBRE A CONOTAÇÃO REFERENCIAL DA PALAVRA *SIGNIFICADO*

*Claudio F. Costa*¹

RESUMO:

A presente nota tem objetivos terapêuticos no sentido wittgensteiniano, aplicando uma metodologia correspondente. Ela explora a relação entre os significados de palavras como ‘sentido’ e ‘significado’ na linguagem ordinária e as maneiras como elas são usadas de forma semi-técnica em filosofia, nas obras de Frege e Hilary Putnam. Como resultado, alguns equívocos potenciais, resultantes de confusões entre significados, podem ser apontados.

Palavras-chave: significado, sentido, referência, semântica filosófica.

ABSTRACT:

These remarks have a therapeutic aim in Wittgenstein’s sense. They explore the relationship between the meanings of words like ‘sense’ and ‘meaning’ in their ordinary language senses and the ways in which these words are used in philosophy, particularly in the works of Frege and Putnam, is explored. The result is that some potential mistakes resulting from the confusion between the meanings can be uncovered.

Key-Words: meaning, sense, reference, philosophical semantics.

Quero aqui chamar atenção para uma ambiguidade filosoficamente relevante relativa aos sentidos da palavra ‘significado’ e de expressões como ‘querer dizer’. Entre os vários sentidos dicionarizados da palavra ‘significado’ (como ‘importância’, ‘justificação’, ‘intenção’ etc.), há um que se destaca como aquele que lhe é característico. Ele é apresentado no dicionário *Houaiss* como “o conteúdo semântico de um signo linguístico, acepção, sentido, significação, conceito, noção”. Com isso se quer dizer que a palavra ‘significado’ se reporta ao sentido convencionalmente fundado da expressão. Chamo a isso de *sentido semântico* da palavra ‘significado’, só para lhe dar um nome. Quero contrastá-lo com um outro sentido, que não chega a ser próprio, mas que está latente no uso da palavra ‘significado’ e pode ocorrer em contextos não-literais. No mesmo dicionário *Houaiss* é logo em seguida notado que etimologicamente ‘significar’ vem do latim ‘significare’, que quer dizer ‘dar a entender por

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade de Konstanz (Alemanha). Professor do Departamento de Filosofia da UFRN.

sinais, indicar, mostrar, significar, dar a conhecer, fazer compreender’, querendo dizer com isso o denotar, o referir-se a alguma coisa. Chamo esse sentido latente da palavra ‘significado’ de sua *conotação referencial*, só para dar um nome.

É também bastante curioso notar que a referida ambiguidade semântica é paralelizada pelos termos correspondentes em línguas como o inglês, o alemão e o francês. Segundo o *Webster Dictionary*, a palavra ‘meaning’ não tem apenas o que chamei de sentido semântico, mas significa também ‘to convey, show or indicate’. O mesmo pode ser encontrado no *The Oxford English Dictionary*, onde se nota que num sentido genérico ‘meaning’ quer dizer ‘that which is intended to be or actually is expressed or indicated’. No alemão, no lugar de ‘significado’ temos a palavra ‘Bedeutung’, que além do seu sentido semântico próprio trás latente uma forte conotação referencial, posto que ‘bedeuten’ também pode significar ‘heissen’ (chamar) e ‘bezeichnen’ (designar). Algo semelhante pode ser dito da palavra francesa ‘signification’.

É interessante compararmos os sentidos das palavras ‘significado’ e ‘sentido’ tendo em mente a distinção acima, pois ‘sentido’, como também atestam os dicionários, apesar de também ter acepções secundárias (como as de ‘percepção’, ‘direção’ etc.) não tem como contraponto de seu característico sentido semântico a mencionada conotação referencial. Ou seja: a palavra ‘sentido’ significa essencialmente o mesmo que a palavra ‘significado’, mas sem a acepção referencial latente na última.

Essa diferença é melhor atestada quando tentamos substituir a palavra ‘significado’ pela palavra ‘sentido’ em diferentes aparecimentos dessas palavras em frases. Considere, por exemplo, as duas frases do grupo A:

A

1. A palavra ‘cadeira’ significa o mesmo que banco com encosto.
2. A palavra ‘cadeira’ significa (quer dizer) coisas como aquilo ali (gesto de apontar para uma cadeira).

Enquanto na frase (1) a palavra ‘significado’ tem um sentido semântico, na frase (2) a palavra ‘significado’ tem uma acepção referencial. Embora se possa dizer que em (2) a palavra ‘significa’ tenha um sentido estendido, não-literal, menos apropriado do que em (1), a frase (2) não chega a ser errada. Ela pode ocorrer, digamos, quando alguém ensina

ostensivamente a uma criança o significado da palavra ‘cadeira’. Tentemos agora fazer o mesmo com as frases do grupo B:

B

1. O sentido da palavra ‘cadeira’ é o de banco com encosto.
2. O sentido da palavra ‘cadeira’ é o de coisas como aquilo ali (gesto de apontar para uma cadeira)

Na frase (1) a palavra ‘sentido’ mantém o seu sentido semântico intralinguístico próprio. Na frase (2) tentamos usar a palavra ‘sentido’ com uma conotação referencial sem sucesso. A frase (2) é claramente incorreta. Ou, pelo menos, (B2) é uma frase mais inadequada do que (A2). E isso se deve à falta de uma conotação referencial da palavra ‘sentido’.

Outras línguas testemunham o mesmo contraste. As palavras ‘sense’ em inglês, ‘Sinn’ em alemão e ‘sens’ em francês também não possuem uma conotação referencial externa, diversamente de ‘meaning’, ‘Bedeutung’ e ‘signification’. Parece que podemos produzir duas colunas de palavras:

SENTIDO SEMÂNTICO:	SENTIDO SEMÂNTICO ou REFERENCIAL:
sentido	significado
sense	meaning
Sinn	Bedeutung
Sens...	signification...

Creio que essas regularidades são indicadoras de distinções categoriais mais profundas, que se encontram sedimentadas em nossa *praxis* linguístico-cognitiva. Assim, parece plausível pensar que o componente referencial da palavra ‘significado’ se deva ao fato de que o significado de muitas palavras é ensinado no interior de uma *praxis* linguística na qual precisamos nos reportar ostensivamente a outras coisas além das palavras. Não pretendo, porém, discutir aqui essa questão. Meu objetivo será demonstrar que filósofos fizeram uso da diferença mencionada de um modo que foi mais confusivo do que esclarecedor. Quero mostrar isso, primeiro em um esclarecimento do que deve ter motivado a escolha dos termos

‘Sinn’ e ‘Bedeutung’ na famosa distinção fregeana entre sentido e referência de nomes, e depois em uma crítica à conclusão que Hilary Putnam tira de sua também famosa fantasia da terra gêmea.

I

Como é sabido, Frege distingue entre *Sinn* e *Bedeutung* de nomes. Não há problema com a palavra ‘Sinn’; com ela Frege tinha em mente o sentido cognitivo do nome como resultado de convenções linguísticas. O problema surge com a palavra ‘*Bedeutung*’, que para ele designa o próprio objeto referido pelo nome. O *Bedeutung* do nome ‘Lua’, escreve ele, é para ele a própria Lua com as suas crateras e mares... A tradução literal de *Bedeutung* é em português ‘significado’ e em inglês ‘meaning’. Mas bem fizeram os lúcidos tradutores ingleses, que preferiram palavras como ‘reference’, ‘denotation’ e ‘nominatum’ para traduzir ‘Bedeutung’, uma vez que o que Frege tinha em mente com a palavra era a denotação, a referência do nome.

A questão que incomoda os intérpretes é: o que levou Frege a escolher o estranho termo ‘Bedeutung’? Parece-me claro que chegamos à resposta mais plausível quando nos lembramos da ambiguidade semântica inicialmente referida. A palavra ‘Bedeutung’ em alemão deriva-se do verbo *deuten*, que significa apontar, aproximando-se de palavras como *andeuten*, que significa sugerir, e de *Bezeichnen*, que significa designar. Assim, sugiro que ao introduzir o termo ‘Bedeutung’ Frege estava substantivando o verbo ‘bedeuten’, usado para expressar, não mais o apontar (*deuten*), nem o designar (*bezeichnen*), mas, para além disso, *aquilo* que é apontado (*das, was gedeutet ist*), aquilo que é designado (*das Bezeichnete*) ou seja, a própria referência. Em alemão isso ficaria como:

Bedeutet... → *deutet... bezeichnet...* → /*das, was gedeutet, bezeichnet ist*/
(significa) (aponta... designa...) (aquilo que é designado, referido)
↓
die Bedeutung
(significado = referência)

Essa é a pequena torção semântica com a qual Frege transforma a palavra ‘Bedeutung’ em um termo técnico, uma torção que trai um resquício de referencialismo semântico, daquilo

que Ryle chamou de teoria Fido-Fido do significado, que é preservado na terminologia de Frege e felizmente não é preservado no uso que ele faz de sua terminologia. Queria notar que não estou sozinho nessa interpretação da terminologia escolhida por Frege. Procurando na literatura descobri que o casal Kneale apresenta em *The History of Logic* uma sugestão essencialmente idêntica a minha.² Como Frege introduz o termo ‘Bedeutung’ na análise dos nomes próprios, essa interpretação tem muito mais a contar a seu favor do que a sugestão de que *Bedeutung* significa valor-verdade-potencial (truth-value potential), aquilo que é importante (*bedeutend*) por contribuir para o valor-verdade da frase, defendida por Tugendhat e outros.

II

A aplicação da constatação de ambiguidade semântica da palavra ‘significado’ pode ir além de um mero esclarecimento terminológico. Ela se aplica também, a meu ver, à conclusão de Putnam de que os significados não estão nas cabeças. Quero começar resumindo o seu argumento.

Putnam começa por imaginar que além da terra existe, em algum lugar do universo, um planeta que ele chama de terra-gêmea, no qual tudo existe e acontece tal como na terra, exceto pelo fato de que os seus rios, lagos e mares, estão cheios de um líquido que é indistinguível da água, que sacia a sede, cai sob forma de chuva etc. Mas cuja composição química não é H₂O, mas algo muito diverso, que pode ser abreviado como XYZ. Imagine então que em 1750, quando havia sido ainda descoberta a estrutura química da água, uma pessoa chamada Oscar na terra aponte para um copo de água e diga “Isso é água”. Nesse mesmo momento, o Oscar-gêmeo da terra-gêmea aponta para um copo de água e diz: “Isso é água”. Certamente, como eles não conheciam a estrutura química do composto que estavam apontando, eles tinham em mente exatamente a mesma coisa. Contudo, pensa Putnam, é claro que Oscar significa (*mean*) com a palavra ‘água’ uma coisa diferente do Oscar-gêmeo, pois Oscar está apontando para o líquido de composição química H₂O, enquanto o Oscar-gêmeo está apontando para o líquido de composição química XZY. A prova disso é que se pudéssemos trazer Oscar e Oscar-gêmeo através da máquina do tempo para nossa época e lhes submetêssemos a um curso rápido de química, eles mesmos acabariam por concordar que eles estavam querendo dizer (*mean*)

² William e Martha Kneale notaram que Frege pode bem ter escolhido a palavra *Bedeutung* devido a sua derivação da palavra *deuten*. Ver W. Kneale & M. Kneale: *The Development of Logic*, p. 246.

coisas diferentes com a palavra ‘água’ quando disseram “Isso é água” em seus respectivos planetas em 1750. Ora, se eles estavam querendo dizer (*mean*) coisas diferentes, se o que eles significavam era diferente, conclui Putnam, considerando que os seus estados psicológicos eram exatamente os mesmos, então a conclusão é uma só: os significados não podem ter estado nas cabeças de Oscar e de Oscar-gêmeo. Eles só podem estar no mundo, na identidade química das massas d’água com as quais cada um deles tem contato e que foram a origem causal dos seus proferimentos...

Considerando a ambiguidade semântica referida acima, é fácil demonstrar um equívoco no argumento de Putnam. Quando Putnam diz que os significados daquilo que Oscar e Oscar-gêmeo dizem é diferente, ele está usando a palavra ‘significado’ em uma conotação referencial. A palavra ‘significa’ (*mean*) quer dizer aqui o mesmo que ‘denota’, ‘refere’. Assim, o que Oscar e Oscar-Gêmeo estavam fazendo era se referindo, designando coisas diferentes, cujas extensões no mundo são também diferentes. No entanto, isso não é nenhuma descoberta de alguma coisa minimamente importante! Pois ninguém discute se a referência de um termo é alguma coisa extra-mental ou não. Obviamente, a referência de um termo é e sempre foi alguma coisa extra-mental, assim como a sua extensão.

Um resultado diferente obteríamos se usássemos a palavra ‘sentido’, que não tem nenhuma conotação extra-linguística. Nesse caso seríamos forçados a reconhecer que o sentido das frases “Isso é água” ditos por Oscar e Oscar-gêmeo em 1750 eram os mesmos, ao menos enquanto o argumento de Putnam não nos subir à cabeça.

Para tornar esse ponto mais claro, considere a seguinte frase que para Putnam nós (e mesmo Oscar e Oscar-Gêmeo) deveríamos concluir após verificar que a estrutura molecular do líquido apontado pelos Oscars era diferente:

1. Na terra-gêmea a palavra ‘água’ significa (*means*) e sempre significou (*meant*) XYZ,

Aqui estamos usando a palavra ‘significa’ (*means*) no sentido inócuo de ‘se refere a’, e o que ele quer dizer é simplesmente que na terra-gêmea a palavra ‘água’ tem e sempre teve como referência extralinguística XYZ. Mas isso é uma platitude sem nenhum interesse semântico, posto que por definição a referência (assim como a extensão) é alguma coisa extra-linguística, que em nada depende de estados psicológicos ou cerebrais.

Esse equívoco se torna mais claro quando substituímos a palavra ‘significado’ (meaning) pela palavra ‘sentido’ (sense) na frase (1), obtendo assim a frase (2):

2. Na terra-gêmea a palavra ‘água’ tem e sempre teve
o *sentido* (*sense*) de XYZ.

Ora, isso soa indigerível aos nossos bons ouvidos semânticos, posto que antes da descoberta da fórmula química a palavra ‘água’ não podia ter o sentido (*sense*) de XYZ. Com efeito, a substituição de (1) por (2) é um caso similar ao da substituição de (B1) por (B2), sugerindo a inexistência de um uso referencial da palavra ‘significado’ que preserve qualquer coisa do sentido próprio da palavra, no qual ela é sinônima da palavra ‘sentido’.

Diante disso minha sugestão é a de que ao não atentar para a ambiguidade semântica da palavra ‘significado’ (*meaning*), Putnam procura absorver o sentido semântico em sua conotação referencial, magnificada pela fantasia da terra gêmea, promovendo assim a espécie de inversão dos valores semânticos na construção do seu externalismo semântico. Ou seja: o externalismo semântico de Putnam não é muito mais do que uma intrincada falácia filosófica. Demonstrá-lo de modo convincente, porém, exigiria mais do que simples considerações sobre a linguagem ordinária; demonstrá-lo demandaria o contraste com uma mais adequada teoria da referência para os termos gerais.

BIBLIOGRAFIA

FREGE, G. “Sinn und Bedeutung”, *Zeitschrift fuer Philosophie und philosophische Kritik*, NF 100, 1892.

_____. *Lógica e Filosofia da Linguagem*, ed. Paulo Alcoforado (Edusp: São Paulo 2009).

KNEALE, W. & KNEALE, M. *The Development of Logic* (Clarendon Press: Oxford 1984).

PESSIN, A. & GOLDBERG, S. (eds.). *The Twin Earth Chronicles* (M.E. Sharpe: Armonk 1996).

PUTNAM, H. “The Meaning of ‘Meaning’”, in K. Gunderson (ed.): *Language, Mind and Knowledge* (Minnesota University Press: Minneapolis 1975).

TEXTOR, M. *Frege on Sense and Reference* (Routledge: London 2011).

WITTGENSTEIN, L. *Philosophische Untersuchungen (Investigações Filosóficas)* (Frankfurt: Suhrkamp 1983).

_____. *The Blue and the Brown Books* (Oxford: Oxford University Press 1986).